



O DESGOSTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO

Suetônio de Farias Matias
Escola Estadual de Ensino Médio Inovador “Juarez Maracajá”
suetoniofarias@hotmail.com

INTRODUÇÃO

É consenso entre teóricos, que a forma mais viável de estimular alguém à leitura ocorre através da literatura, visto que proporciona um deleite voltado para as causas e consequências sociais; contudo, tem-se observado que o trabalho com a literatura no ensino médio tem-se tornado um efetivo matadouro do gosto literário.

Isto posto, este escrito parte da premissa de que, quando não trabalhada adequadamente, a área literária não aparece como agradável aos discentes, pois aparece como enfadonha e desmotivadora. É o que vem acontecendo com a literatura mediada por trabalhos docentes equivocados.

O presente artigo mostra um estudo sobre as práticas pedagógicas sob o ponto de vista do aluno, tendo como objetivo principal realizar um estudo sobre a pertinência do ensino de literatura no ensino médio, almejando os seguintes objetivos específicos: servir como apoio teórico para educadores do ensino médio; fazer refletir sobre a prática metodológica na arte literária e investigar quais os fatores que contribuem para o desgosto literário.

Como alicerce para este trabalho buscou-se as teorias presentes em: COSSON (2009), JOBIM (2009), MARTINS (2006), PAULINO & COSSON (2009), TAVARES (2003).

METODOLOGIA

O presente artigo estruturou-se através de pesquisa teórica e através de questionário, tendo como público alvo os alunos do ensino médio da Escola Estadual “Juarez Maracajá, localizada na cidade de Gurjão-PB.

Fez-se uso de uma pesquisa por amostragem, sendo selecionados cinco alunos dos três níveis do ensino médio para responder a questões referentes ao



contato com a literatura. De posse dos dados, passou-se a análise dos mesmos a partir dos teóricos presentes no escrito. Houve ainda, durante um mês, a observação das aulas de literatura no referido educandário.

Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, através de uma análise interpretativa dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados na pesquisa realizada sobre a relação dos alunos com a literatura mostram as opiniões dos discentes, que se revelam indiferentes em várias das perguntas:

Aluno 1: “Literatura é o estudo de Língua Portuguesa”;

Aluno 2: “Não gosto de literatura porque é muito difícil”;

Aluno 3: “O ensino de literatura é necessário porque prepara para o vestibular”;

Aluno 4: “Não leio literatura porque é chato”;

Aluno 5: “Gosto de ler outros tipos de textos porque é bem interessante”.

De acordo com o *aluno 1*, o ensino de literatura se confunde com o ensino de Língua Portuguesa. Isso se deve a pouca importância que essa área de estudo vem tendo nas escolas e da forma como está sendo conduzido o ensino, tanto da literatura como da língua portuguesa, ou seja, não são construídos nos alunos parâmetros de diferenciação, pois muitas vezes as aulas de literatura são usadas como pretexto para finalizar uma aula de gramática. Desta forma, o ensino de literatura inevitavelmente confunde-se com o de Língua Portuguesa.

Segundo TAVARES (2003, p. 114), o trabalho com literatura no ensino médio é usado com apêndice da Língua Portuguesa. É comum nos educandários a comunhão entre Literatura e Língua Portuguesa, sendo aquela colocada num patamar de inferioridade, dando espaço para outros trabalhos mais “importantes”.

Essa ausência de importância para o estudo de literatura foi apontada por PAULINO & COSSON (2009, p. 73), para os quais o tempo dedicado à literatura na sala de aula, além de insuficiente serve para exercícios pré-fabricados.

Nesse sentido, constata-se certa acomodação do aluno e a falta de um válido reconhecimento da literatura nas salas de aula, sendo compreensível a confusão da literatura com qualquer outra disciplina.



Outro ponto que contribui para o desgosto literário é fato de ser concebida como algo muito difícil, possível apenas para alguns iniciados, é o que se nota na resposta do *aluno 2*.

De acordo com a pesquisa realizada, atestou-se que a escola deixa no aluno a visão de que a literatura se define como a leitura de obras de autores canonizados pela literatura e só através dela o aluno pode aprender a ler e escrever bem. Isso anula a trajetória e a experiência cultural que o aprendiz já traz, ou seja, nega-se a vida fora do espaço educacional e coloca-o em contato com a leitura de textos de difícil compreensão, muitas vezes desconexos com o seu contexto.

Tal fato demonstra que a escola exerce um “preconceito textual”, tendo em vista o uso da invariabilidade textual, criando assim o mito da literatura como uma área que causa medo e exige cuidado para ser explorada, evidenciando ainda o espaço escolar como um recinto exclusivamente pertencente à classe dominante. Conforme, SOARES (*apud* TAVARES, *op. cit.*, p. 116) essa forma de dominação exerce um tipo de marginalização, já que reforça a separação de classes.

É de se estranhar que, mesmo existindo várias formas de manifestação literária, como a internet, a literatura popular, jornais, revistas em quadrinhos, que são tão necessárias no âmbito escolar, a escola insiste em negá-las, atuando e continuando como autoritária e preconceituosa.

Na concepção do *aluno 3*, a literatura ganha importância apenas para aprovação em concursos. No ensino médio, nível de ensino no qual a literatura deveria ser vivida intensamente, estágio de concretização do gosto pela leitura, o aluno se confunde e acredita que sua utilidade tem sentido apenas para o vestibular.

Afirmar a literatura como crédito apenas para passar numa prova é, no mínimo, injusto, porque é servindo a vida e servindo na vida que a literatura encontra seu real valor; porém a escola não percebe esta amplitude e faz uso da leitura/estudo de obras literárias apenas para passar no vestibular, o que estipula uma data de validade para a literatura.

Para essa terminalidade da literatura, ZILBERMAN (*apud* MARTINS, *op. cit.*, p. 94) afirma que “[...] os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de Letras; portanto, a ‘continuidade’ também não comparece”.



Desta forma, o aluno ao entender o estudo da literatura útil apenas para “passar no vestibular”, não consegue perceber seu caráter mais amplo enquanto função social.

Mais um motivo que causa o desgosto literário nos alunos é a má seleção dos textos literários trabalhados. Essa evidência pode ser observada nos *alunos 4 e 5*.

O aluno quando tem o contato com os textos de literatura os define como chatos, enfadonhos, cansativos e sem desejo de retorno àquela leitura, isto porque o gosto da leitura é individual, subjetivo, nunca encontrado numa hereditariedade, daí a experiência que o professor sentiu quando leu tal obra, não será a mesma quando vivenciada pelo aluno. Mais ainda, as repostas dos *alunos 4 e 5* acontecem devido à insistência da escola em polarizar a leitura do cânon literário.

O letramento literário se preocupa com o que é atual, desta forma é relevante que a escola atualize o seu repertório literário e utilize textos que fazem parte da vivência do aluno, uma vez que esses textos são mais atrativos do que os secularmente listados como leitura obrigatória.

Para COSSON (2009, p. 34), a escola deve efetivar a literatura vista como uma pluralidade de outros sistemas, que não apenas o cânon. Por acreditar que o modelo tradicional é o único tipo de texto que deve ser explorado, a escola acaba por encerrá-la como algo chato, cansativo e desnecessário, fazendo com que o aluno se afaste dos textos literários e prefira outros tipos mais interessantes, e em caso mais grave, de acordo com GENOUVIER e PEYTAD (*apud* JOBIM, 2009, p. 115), o trabalho com a leitura do cânon literário que “[...] pode estimular, também pode provocar ‘bloqueios’”, já que o aluno entra num mundo estranho.

CONCLUSÃO

A literatura tem a capacidade de proporcionar prazer, diversão e fruição para quem com ela se relaciona. Desta forma, o que se percebe é que a escola vem contribuindo para que estas características da arte literária estejam sendo castradas, tendo em vista a adversa relação existente entre literatura e educando.

Devido às práticas equivocadas em sala de aula, ou por descuido, ou por falta de subsídios teóricos ou até mesmo por inércia laboral, as aulas de literatura no ensino médio vêm exercendo um papel inadequado, o qual sufoca o



desenvolvimento do gosto pela literatura no aluno. Está se presenciando gradativamente a morte da literatura pelo prazer, pois aqueles que a deveriam saber como instrumento de formação e transformação cidadã estão fazendo uso de práticas errôneas, utilizando-a como veículo de tortura no ensino.

Percebe-se que o desgosto pela literatura está vinculado à crença de mitos carregados pelos alunos, consequência de práticas distanciadas da satisfatória efetivação do ensino literário incumbido de deixar clarividente a função social da arte literária, a qual não pode ser confundida com a descrição de estilos.

Considera-se que a falta de uma escolarização da literatura, de um letramento literário, faz com que o prazer do texto literário não seja alcançado no ensino médio; ao contrário, o que se efetiva nos alunos é um sentimento de desgosto, de repulsa.

No ensino médio, o prazer pela literatura não é despertado, sendo necessária uma mudança postura com relação ao ensino, a fim de se preparar o discente para a autonomia literária, do contrário afirme-se por muito tempo o desgosto literário.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 19-108.

JOBIM, José Luís. *A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar*. In: *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. Regina Zilberman & Tânia M. K. Rosing (org.). São Paulo: Global, 2009. Pp. 113-136.

MARTINS, Ivanda. *A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?* In: *Português no ensino médio e formação do professor*. Clécio Buzen & Márcia Mendonça (org.). – São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 83-102.

PAULINO, Graça & COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. Regina Zilberman & Tânia M. K. Rosing (org.). São Paulo: Global, 2009. Pp. 61-76.

TAVARES, Edson. *Literatura na escola: “assassinato” do gosto literário*. IN: *Tecidos Metafóricos*. Sudha Swarnakar (org.) João Pessoa. Idea. 2003. pp. 103-121.
